

ENCOLHIMENTO

PIB trimestral do Estado tem quinta queda consecutiva

Economia capixaba caiu 3,9% entre abril e junho e pode fechar 2016 com retração de 13%

▄ RAFAEL SILVA
rfeitas@redgazeta.com.br

▄ A economia capixaba registrou perda pela quinta vez consecutiva e fechou o segundo trimestre de 2016 com queda de 3,9%, na comparação com o trimestre anterior. De acordo com os dados divulgados ontem pelo Instituto Jones dos Santos Neves (IJSN), o PIB do Espírito Santo – a soma de todos os bens e serviços produzidos no Estado –, chegou a R\$ 33,5 bilhões, entre abril e junho, ou R\$ 135,3 bi nos últimos 12 meses.

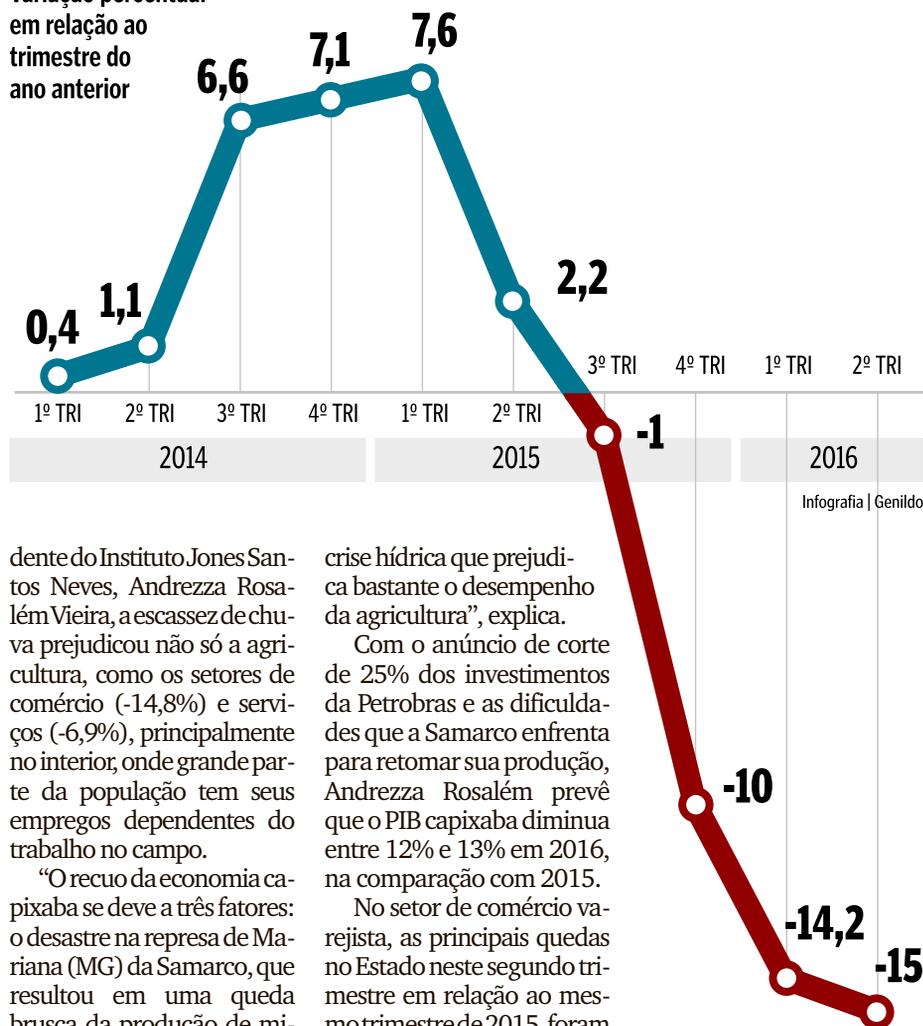
Segundo o levantamento, a maior redução foi na indústria extrativa (-36%) devido à paralisação da produção de minério de ferro na Samarco. Este setor é um dos mais importantes do Estado e representa cerca de 25% do PIB capixaba.

A indústria de transformação, voltada principalmente para a produção de celulose e alimentos, diminuiu 3,8%. Além disso, a crise hídrica influenciou no recuo da economia, impactando principalmente na produção de café conilon (-32,4%) e de mamão (-29,3%).

Segundo a diretora-presi-

QUEDA LIVRE

Variação percentual em relação ao trimestre do ano anterior



dente do Instituto Jones Santos Neves, Andrezza Rosalém Vieira, a escassez de chuva prejudicou não só a agricultura, como os setores de comércio (-14,8%) e serviços (-6,9%), principalmente no interior, onde grande parte da população tem seus empregos dependentes do trabalho no campo.

“O recuo da economia capixaba se deve a três fatores: o desastre na represa de Mariana (MG) da Samarco, que resultou em uma queda brusca da produção de minério de ferro; a crise econômica nacional e mundial, já que boa parte dos produtos aqui são consumidos no mercado exterior; além da

crise hídrica que prejudica bastante o desempenho da agricultura”, explica.

Com o anúncio de corte de 25% dos investimentos da Petrobras e as dificuldades que a Samarco enfrenta para retomar sua produção, Andrezza Rosalém prevê que o PIB capixaba diminua entre 12% e 13% em 2016, na comparação com 2015.

No setor de comércio varejista, as principais quedas no Estado neste segundo trimestre em relação ao mesmo trimestre de 2015, foram na venda de veículos, motocicletas, partes e peças, com recuo de 20,9%; e no comércio de material de construção, com redução de 4,8%.

Expectativa de retomada em 2017

▄ O cenário ainda está indefinido, mas a expectativa é de que a retomada da economia comece em 2017. “Mas há alguns fatores que ainda não foram definidos que podem melhorar a perspectiva para este ano. A Vale, por exemplo, estuda retomar as atividades em usinas que foram fechadas e isso poderia alavancar a produção de minério no Estado. A Samarco também pode retomar sua produção até o ano que vem”, destaca a diretora de estudos e pesquisas do IJSN, Ana Carolina Giuberti.

A queda no número de postos de trabalho é um dos últimos efeitos gerados pelo recuo da economia e é, também, um dos que mais demoram a se recuperar. Com isso, Giuberti estima que a retomada das vagas de emprego deve ser lenta.

“Quando os resultados negativos se resumem à indústria, o impacto maior é no resultado do PIB e a população sente menos o efeito da crise. Só que, além do recuo da indústria, há a seca, que impacta mais no cidadão comum e a gente vê isso nos dados do setor de comércio e serviços. Isso mexe com a capacidade de investimento do governo do Estado”, conta.

NÚMEROS

OS DADOS

- ▼ Indústria (-22,9%)
- ▼ Comércio varejista ampliado (-14,8%)
- ▼ Serviços (-6,9%)